

GUERRA NA SÍRIA

Estado já recebeu 130 refugiados

Sírios que deixam seu país em busca de uma vida melhor longe da guerra buscam ONG no Espírito Santo para se adaptarem ao Brasil

Rayza Fontes

Na busca por uma vida melhor, longe da guerra civil da Síria, 130 refugiados do país já passaram pelo Estado.

O conflito na nação asiática começou em 2011, na chamada Primavera Árabe, e deixou mais de 240 mil mortos, entre eles 12 mil crianças, de acordo com dados do Observatório Sírio para os Direitos Humanos (OSDH).

Sem previsão para acabar, a guerra civil deu origem a uma crise migratória, a maior desde a 2ª Guerra Mundial. Diversos países acolhem os refugiados sírios, incluindo o Brasil.

A ONG Missão em Apoio à Igreja Sofredora (Mais) é responsável pelos 130 sírios que passaram pelo Espírito Santo. Sem ajuda governamental, a organização se mantém com doações, segundo o coordenador Weston Lee Rayborn.

“Nós não ajudamos só os sírios, mas quem estiver precisando de refúgio, passando por grande sofrimento. Mas, desde que começamos com o projeto, chamado Renovare, a maior parte, eu diria que 90%, vem de lá. Quando eles chegam ao Estado, damos todo o suporte, inclusive financeiro”, explicou Weston.

Em Vila Velha, sede da ONG Mais, encontram-se atualmente nove refugiados, sendo oito sírios e um africano, de Comores. De acordo com o coordenador do projeto, eles ficam na cidade por alguns meses, se adaptam culturalmente e então seguem para outros destinos, principalmente o Paraná.

“A ONG atua na Colômbia, Uganda, Turquia, Jordânia, Quirquístão e Haiti. No Brasil, a sede é Vila Velha, nós chamamos de base. Apesar de ser um projeto cristão evangélico, recebemos pessoas de todas as nacionalidades e denominações religiosas”, disse Weston.



ANTONIO COSME/AT

A primeira família de refugiados a chegar à base veio do Paquistão. A diferença de hábitos culturais levou o projeto a dar início a aulas sobre hábitos dos brasileiros. Quando chegam, os refugiados ainda recebem atendimento médico e odontológico realizado por voluntários.

“No momento, o que nós precisamos é de doação. Principalmente roupa, produtos de higiene pessoal e comida. Sem ajuda governamental, são as doações que nos sustentam”, ressaltou Werton, que é americano e vai ficar no Brasil até o final de 2017, para dar prosseguimento ao projeto.

Sem dinheiro para arcar com os custos das passagens dos refugiados, é de responsabilidade das famílias chegar até o País. Embora, de acordo com o coordenador, a ONG busque ajudar na emissão do visto, por exemplo.

YAMAM AMOURY ALKHOURY COMERCIANTE SÍRIO

“Estou pronto para recomeçar”

No Estado há sete meses, o comerciante Yamam Amoury Alkhoury, 30, veio da cidade síria de Homs para fugir dos horrores da guerra.

Para juntar dinheiro e trazer a família, ele dá aulas de Inglês, língua em que foi realizada a entrevista, e pretende começar a vender suas ilustrações, que na Síria eram um hobby. Apesar das dificuldades, ele garante: “Estou pronto para recomeçar”.

O nome de Yamam significa, em árabe, homem de muita força. Ex-morador de um bairro cristão chamado Al-Hamedia, foi necessária muita força de vontade para mudar de vida. Otimista, ele quer construir vida nova, mas em uma tatuagem guarda a mensagem “Um dia nós voltaremos”. Seu desejo é voltar para a Síria quando a guerra acabar.

A TRIBUNA - Por que decidiu vir para o Brasil?

YAMAM ALKHOURY - É muito difícil viver na Síria. Minha vizinhança foi destruída.

> O que fazia na Síria?

Eu já trabalhei em diversos lugares, mas antes da guerra eu tinha um comércio de suprimentos odontológicos. Depois, trabalhei em uma espécie de campo de refugiados.

> Qual o pior momento que você viveu?

Quando vi o meu pai fechando a porta do que restou da nossa casa e, depois, a despedida da minha mãe antes de vir para o Brasil. Quando estava buscando

documentação para vir também passei por um momento muito difícil. Um taxista terrorista tentou me sequestrar e foram momentos de muita adrenalina. Ele me ameaçou, apontou uma arma e escapei do carro em movimento, depois de acertá-lo no rosto.

> Onde está a sua família?

Meu pai e minha mãe mudaram para um bairro mais seguro e meu irmão foi morar sozinho em outra cidade, mas ainda estão todos na Síria.

> O que mais gostou no Brasil?

Gostei de tudo. Os brasileiros têm um coração bom, como os sírios. Eu gosto das frutas daqui, de estrogonofe e de sorvete. Na verdade, a única coisa de que não gostei foi a música. Todo o resto é maravilhoso.

> Como era a vida antes da

“Eu planejei meu futuro, a minha vida e não consegui realizar. Agora, vou ter de começar tudo de novo”

guerra?

Nossa vida era maravilhosa! Muitos dos terroristas que apareceram no meu bairro eram pessoas que eu conhecia e, de uma hora para outra, apareceram armados e com barba.

Antes de 15 de março de 2011, tinha amigos muçulmanos e frequentava os mesmos lugares que eles, não existia divisão territorial. Era diferente do que é hoje.

> Você foi coagido a mudar de religião?

Sim, claro. Quando você é cristão na Síria tem apenas três opções: subornar os terroristas para que eles finjam que você não existe, se converter ao islamismo ou morrer. Eu preferi fugir.

> Do que mais sente falta?

Eu sinto falta da minha vida. Nós passávamos por grandes períodos sem eletricidade e eu sinto falta até disso, inclusive das coisas ruins, por exemplo das brigas que tinha com meu pai.

> Qual a sensação de viver em um país em guerra?

Nós nos acostumamos com a morte agora. Ela está em todos os lugares. Todos os dias são de tragédias.

Caminho para o Brasil Da Síria para Vitória



EXPLOSÃO na Síria: destruição